A MUSEALIZAÇÃO DO SÍTIO DE CASTELO VELHO

(Resumo)

por

Alexandre Alves Costa

Palavras-chave: Arquitectura; património: Castelo Velho.

Key-words: Architecture: heritage; Castelo Velho.

Se para o renascimento, a arquitectura era a arte da reposição da Antiguidade reinventada, nas rupturas do Movimento Moderno a arquitectura passou a definir-se conceptualmente como construção *ex-novo*, universal e intemporal, a-histórica.

Os tempos da tardo-modernidade ou pos-modernidade se excluirmos as tendências, tão exploradas no plano da pura virtualidade formal e na negação do próprio território milenar da arquitectura do *utilitas*, *firmitas* e *venustas* vitruviano ou da sua definição mais elementar da transformação do útil em belo, dizia, se excluirmos essas tendências, a arquitectura define-se, hoje, como a arte de construir a transformação e nessa definição, a utilidade está implícita como sua função social fundadora.

Construir a transformação porque sabemos bem como, nos edifícios, nas cidades ou no território sempre humanizado, a arquitectura dos próximos anos será marcada pela prática da recuperação. Recuperação e criação serão complemento e não especialidades passíveis de tratamentos autónomos.

Tudo será reconhecido como património colectivo e, nessa condição, objecto de mudança e de continuidade.

Os instrumentos de reconhecimento do real chamam-se História, a arte de construir a sua transformação chama-se Arquitectura.

Do "silêncio", à intervenção activa e transformadora do próprio edifício ou conjunto, a novidade é a consideração da história como matéria de um projecto de autor.

[^] Professor da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Esta comunicação foi apresentada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 15 de Maio de 2003.

É, também, tomar uma posição corajosa de busca – inquietante, no aceitar que cada tema tem o seu carácter, a sua problemática específica, a sua expressão própria. Ao arquitecto de hoje só "um critério de experiência" é licito; um critério que não recuse dado algum do real que, esse sim, existe, nunca como matéria a sujeitar a soluções apriorísticas e abstractas.

Mas então... e a musealização, essa espécie de arquitectura funerária?

A musealização não transforma, cristaliza o passado e ao arquitecto destina-se o papel de construção do mausoléu e o estabelecimento dos circuitos de visita que expliquem uma entidade sem vida cujo convívio com a nossa contemporaneidade nos parece útil para lhe explicar os fundamentos. É a Torre do Tombo dos vestígios materiais, é, essa mais do que todas, uma espécie de arquitectura do silêncio.

Sabemos que sendo assim, não é bem assim. Sabemos que todas as nossas acções e decisões sobre o real são gestos de contemporaneidade absoluta e, por isso, dependentes das interpretações globais que fazemos hoje ou das nossas próprias crenças subjectivas, quer dizer, consequência da leitura que temos do passado, da nossa vivência consciente do presente e dos nossos projectos pessoais para o futuro. Por isso musealizar é, também, neste sentido um acto de cultura contemporânea vivo.

Nem tampouco se deve dele inferir uma visão passadista da História e do património construído, entendidos aqui operativamente, na consideração de que a Arquitectura combina elementos transmitidos e, sendo um raciocínio sobre as funções do homem, este ficaria quase na sombra se não estivesse presente nas pedras dos monumentos que não podem ser considerados testemunhos complementares da sua história, mas substâncias essenciais, porque ele, homem, está todo ali.

Extrairemos, sim, da crónica dos factos antigos, como a que nos transmite a Susana, alimento ao desejo de aventura, amando o passado nas mitologias que depositou em certos lugares, na encruzilhada de certos caminhos e poderemos exclamar, dando um pontapé nos nostálgicos das épocas heróicas: o Cristóvão Colombo sou eu! Foi isto, e não é pouco, que nos serviu de estímulo para a nossa participação na musealização do sítio de Castelo Velho.

Não duvidamos que um verdadeiro projecto integrado de desenvolvimento passa por manter vivo e presente o passado visitável, o que não exclui a importância simbólica e mítica do monumento silencioso, cuja vitalidade será sempre um exercício de imaginação retrospectiva e, então, visitar o Mosteiro da Batalha, o Convento de Cristo, Santa Clara a Velha, a Torre de Belém ou o Castelo Velho que, nesse sentido, esperamos não ver convertidos em pousadas turísticas, onde a imaginação do visitante é substituída por circuitos funcionais climatizados e que, por isso, representam o fim da História que, afinal, todos desejamos que continue, com passado, presente e futuro.



Fig. 1 – Geografia (foto de V. O. Jorge).



Fig. 2 - Sítio (foto de V. O. Jorge).



Fig. 3 – Implantação (foto de V. O. Jorge).

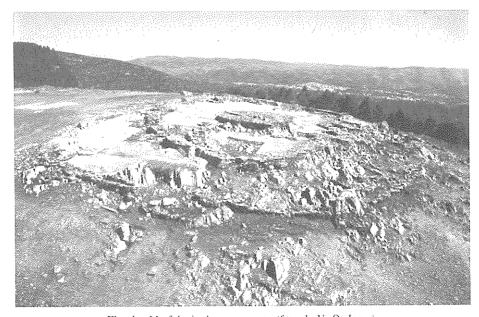


Fig. 4 - Morfologia do monumento (foto de V. O. Jorge).

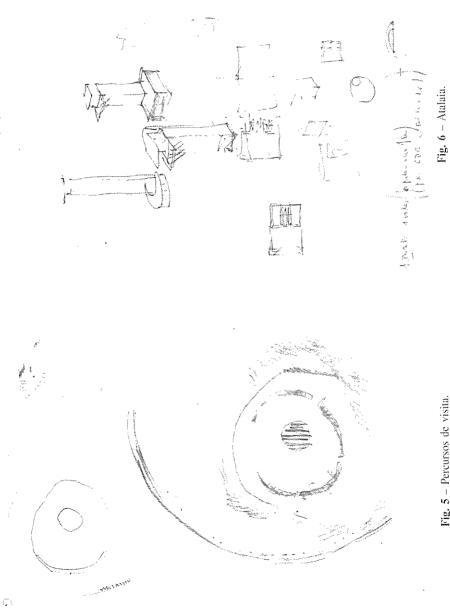
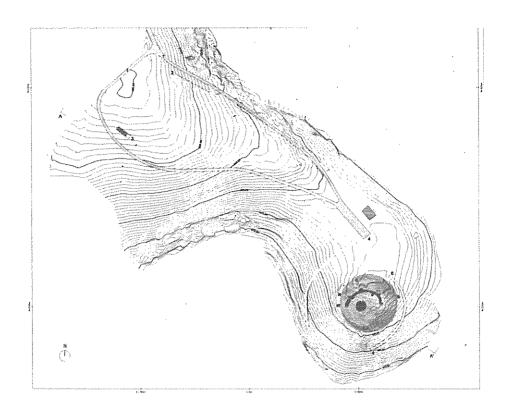


Fig. 5 - Percursos de visita.



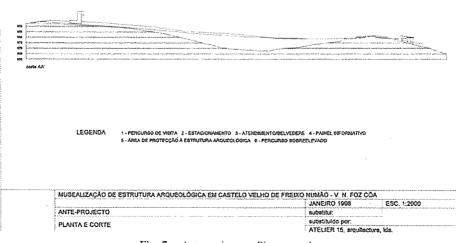


Fig. 7 - Ante-projecto - Planta geral.

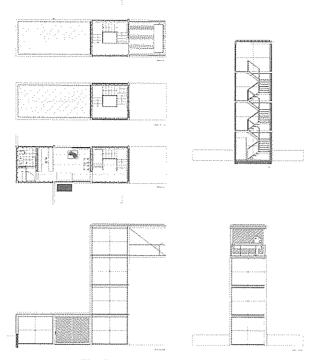


Fig. 8 - Ante-projecto da torre.

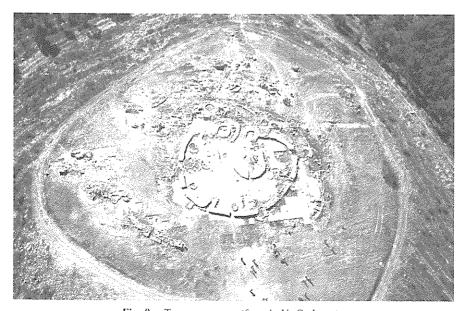


Fig. 9 - Terreno a repor (foto de V. O. Jorge).

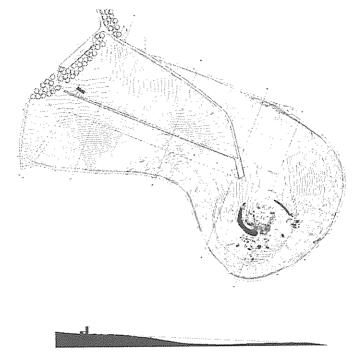


Fig. 10 - Planta geral.

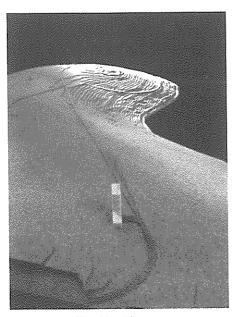


Fig. 11 - Maqueta.

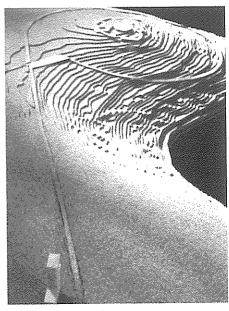
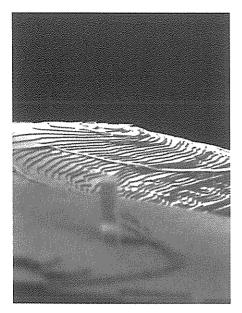


Fig. 12 - Maqueta



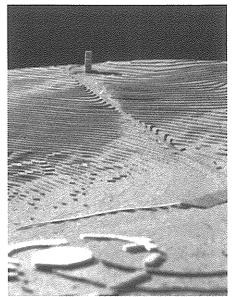


Fig. 13 - Maqueta.

Fig. 14 - Maqueta

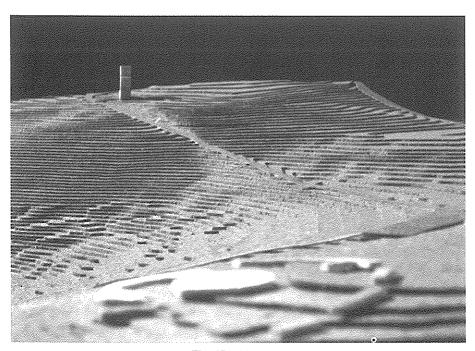


Fig. 15 - Maqueta.

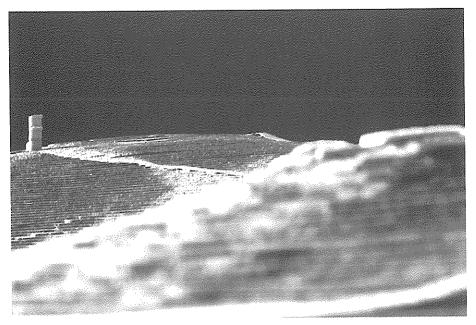


Fig. 16 - Maqueta.

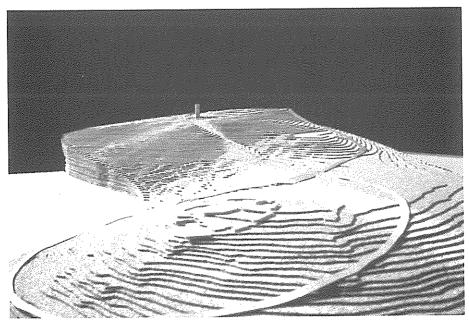


Fig. 17 - Maqueta.



Fig. 18 - Castelo Velho (foto de V. O. Jorge).

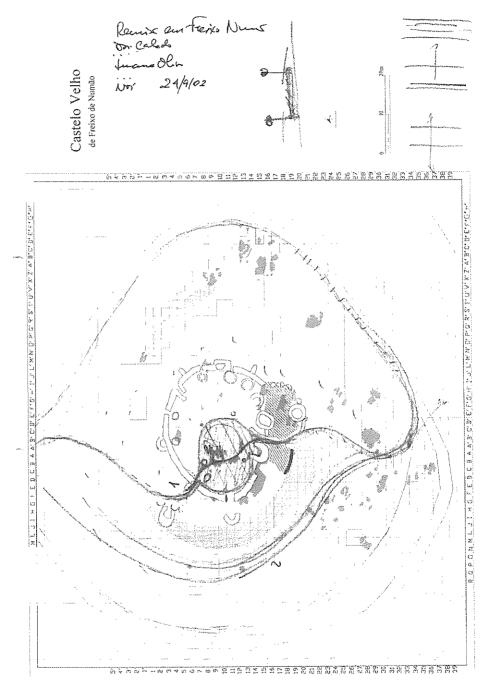


Fig. 19 - Circuito da visita, estudos.